

Decolonialidade no Jornalismo Ambiental: diálogos com a obra *Uma ecologia decolonial*, de Malcom Ferdinand¹

Isabelle Rieger dos Santos² e Ilza Tourinho Girardi³

Resumo: O artigo busca refletir sobre a convergência entre a ecologia e os modelos de mundo apresentados por Malcom Ferdinand em seu livro *Uma ecologia decolonial: práticas a partir do mundo caribenho* e os pressupostos do Jornalismo Ambiental. Baseado em pesquisa bibliográfica conclui que a preservação da Terra e a sua transformação em um local que inclua todas as pessoas, em detrimento de um pensamento hegemônico e excludente, são pontos de encontro dos respectivos campos teóricos.

Palavras-chave: decolonialidade; jornalismo ambiental; ecologia decolonial.

Mudança de Pensamento no Jornalismo Ambiental:

Assumindo como base os pensamentos complexos (MORIN, 2011) e sistêmico (CAPRA, 1982) e o saber ambiental (LEFF, 2009), o Jornalismo Ambiental ultrapassa a visão simplista de meio ambiente buscando contemplar a trama de relações que envolvem a sociobiodiversidade ouvindo a diversidade de vozes relacionadas aos fatos.

Com uma perspectiva interdisciplinar e vinculada com diversas áreas de conhecimento, o Jornalismo Ambiental entende que os diferentes campos de saberes são importantes, pois nos auxiliam a enxergar todos os seres como constitutivos de uma teia intrincada e interconectadas de relações que atua mantendo o equilíbrio ou gerando o desequilíbrio ambiental. O ambiente está em tudo, não é fragmentado e nem exterior ao sujeito. Essa visão integradora rompe com a visão de separação entre ambiente natural e os seres humanos, presente na tradição do pensamento ocidental, como se os habitantes do planeta fossem dotados de maior importância e direito a usurpar bens naturais da Terra.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho de Perspectivas Contemporâneas de Pesquisas a partir do Jornalismo Ambiental, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista de iniciação científica no Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (UFRGS/CNPq).

³ Professora Titular aposentada atuando como Professora Convidada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS) e líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (UFRGS/CNPq).

Desta forma, o modo de fazer o jornalismo ambiental tem a perspectiva de cobertura integral e de integração do sujeito com o mundo em que vive, para que ele possa se emancipar e construir novos mundos de forma coletiva. Frome (1998, p.22) indica que:

O jornalismo ambiental exige aprender algo mais do que ‘saber escrever’. Exige aprender sobre o poder da emoção e da imagem, pensar não apenas em termos de Quem, O Quê, Onde, Quando e Como, mas pensar no Todo, com amplitude, profundidade e perspectiva de sentimento.

Ao compreender o ambiente em que ele se relaciona como um todo, é possível ao jornalista que cobre causas ambientais passar de um mero informante do que está acontecendo ao redor, a um sujeito que cumpre as funções informativas, pedagógicas e políticas do jornalismo. Os pressupostos do jornalismo ambiental indicam o caminho de uma boa cobertura (Girardi *et al.*, 2020, p. 284-285):

1. Ênfase na contextualização – a expectativa de superar a fragmentação e a descontinuidade; destaque para uma contextualização ampla, profunda e crítica (tecendo relações de causas e consequências) e a perspectiva sistêmica.
2. Pluralidade de vozes – as notícias deveriam representar a pluralidade de vozes que estão envolvidas com a questão, inclusive aqueles que não detêm legitimidade científica, empresarial ou política.
3. Assimilação do saber ambiental – a compreensão disto propõe novos valores e uma nova consciência.
4. Cobertura próxima à realidade do leitor – trazer as questões ambientais para perto do cotidiano dos leitores e interconexão entre as escalas.
5. Comprometimento com a qualificação da informação – envolve engajamento e militância como atitudes críticas em defesa da sustentabilidade da vida.
6. Responsabilidade com a mudança de pensamento – o Jornalismo Ambiental assume seu papel de contribuir para mudar o pensamento.
7. Incorporação do princípio da precaução – amplia o tempo de ação do jornalismo, orientando-o para o futuro na tentativa de alertar e evitar consequências negativas.

A responsabilidade com a mudança de pensamento é o que faz o jornalismo ambiental criticar o pensamento único, hegemônico, branco, ocidental, eurocêntrico, machista, detentor dos meios de produção e que, portanto, age como se estivesse numa guerra, invadindo novos territórios com o intuito de conquistar, dominar, usurpar os bens naturais e explorar os seres humanos e animais. Esse pressuposto também parte do entendimento que o jornalismo tem uma dimensão educativa e que por isso tem o compromisso com a verdade, pois as informações que divulga desencadeiam processos comunicacionais que provocam diálogo e ajudam o cidadão a refletir e fazer escolhas. Esse papel educativo e de formação das subjetividades mostra o elo do jornalismo com a educomunicação, que tem como base a crítica as formas

tradicionais de pensamento tanto da educação como da comunicação, conforme postula Freire (1984) quando se refere à “educação bancária”, pelo seu viés autoritário e não emancipatório.

Agregado a esse pressuposto está a pluralidade de vozes que devem ser ouvidas de forma a permitir a equidade de pensamento e visões de mundo. O dever aqui é escutar aqueles que geralmente são invisibilizados para que relatem a sua vivência e sua interpretação dos fatos.

A ênfase na contextualização do problema e a aproximação das coberturas à realidade do leitor exigem do jornalismo a assimilação do saber ambiental, que é construído por meio de processos interdisciplinares e de diálogo de saberes. O engajamento na prática do jornalismo ambiental é o resultado do conhecimento sobre os complexos processos ambientais que impulsionam o sujeito jornalista a pensar a sua profissão como um meio de defender a vida em todas suas dimensões. Associado a tais pressupostos, o princípio da precaução, alerta para o risco tecnologias cujos resultados são incertos ou prejudiciais ao meio ambiente.

Decolonialidade, Ecologia e Mudança de Pensamento

Ferdinand (2022) postula que o pensamento ecológico proveniente do Caribe subverte a lógica colonial que relega essa região ao papel de mero destino para o turismo exótico de colonizadores. Diante do colapso iminente do planeta, há indivíduos que buscam escapar desse cenário. Segundo o autor, os eventos climáticos extremos, decorrentes da intensificação da intervenção humana no meio ambiente, abalam profundamente a Terra. Alguns indivíduos tentam evitar essas consequências migrando para Marte, na tentativa de construir uma nova Terra, ou se abrigam em condomínios de luxo, distantes da natureza e cercados por paisagens artificiais. No entanto, essa atitude contribui para a degradação ambiental, impondo as maiores consequências sobre aqueles que não possuem tal escolha. O termo "racismo ambiental" surge como apropriado para descrever o processo pelo qual populações não brancas são mais afetadas pelos impactos dos eventos climáticos extremos, intensificados pela ação humana.

O autor expõe a concepção de uma "dupla fratura colonial", enraizada no movimento de colonização das Américas pelos países europeus e na exploração decorrente da escravização e do transporte forçado de milhares de pessoas do continente africano para o que ficou conhecido como o "Novo Mundo". Esse processo acarreta a destruição irreparável dos ecossistemas naturais das Américas e ameaça à integridade do planeta como um todo. Para Ferdinand, a superação desse contexto exige uma abordagem integral da ecologia, que busque

reconstruir um espaço comum de vida. Essa perspectiva implica em curar as feridas deixadas pela dupla fratura colonial, causada tanto pelo tráfico de pessoas escravizadas quanto pela exploração desenfreada dos recursos naturais.

A Terra é a matriz do mundo. Nessa perspectiva, a ecologia é uma confrontação com a pluralidade, com os outros além de mim, visando à instauração de um mundo comum. É a partir da instauração cosmopolítica de um mundo entre os humanos, juntamente com os não humanos, que a Terra pode se tornar não apenas aquilo que se partilha, mas também aquilo que se tem ‘em comum, sem possuir de fato’. (Ferdinand, 2022, p. 80)

Indo ao encontro de Ferdinand, o jornalismo ambiental também apresenta uma visão do todo com extrema importância para sua prática. Ao adotar uma abordagem decolonial, o jornalismo ambiental busca ecoar as perspectivas marginalizadas e desafiar os padrões de pensamento hegemônicos que perpetuam desigualdades sociais e ambientais. Ao invés de conceber a ecologia como uma mera preferência pela natureza em detrimento dos interesses humanos - como é a crítica à ecologia branca por Ferdinand-, o jornalismo ambiental decolonial reconhece a complexidade das relações entre seres humanos e meio ambiente, do qual é parte integrante, buscando formas de coexistência harmoniosa que levem em consideração não apenas a sustentabilidade ambiental, mas também a justiça social e a equidade.

Considerações Finais

Como cidadãos e jornalistas ambientais, é fundamental agir de forma proativa e colaborativa para enfrentar os desafios ambientais e sociais. Que possamos direcionar nossos esforços para a preservação do bem comum, buscando soluções que promovam a sustentabilidade e o equilíbrio entre os ecossistemas e as comunidades humanas. Para isso, é necessária a promoção de um pensamento emancipatório que desafie as estruturas de poder e os modelos econômicos que perpetuam a exploração dos recursos naturais e a desigualdade social. Ao mesmo tempo, criar e fortalecer espaços coletivos de diálogo e conversa, em que diferentes perspectivas possam ser compartilhadas e debatidas de forma inclusiva e respeitosa. Ao mesmo tempo, devemos combater ativamente a desinformação, fornecendo informações precisas e baseadas em evidências científicas para o público, e promover um jornalismo ambiental engajado e independente, capaz de responsabilizar os poderes públicos e privados e de dar voz às comunidades afetadas pelas questões ambientais.

Que possamos, diante da iminência de uma tempestade devastadora, conceber estratégias que visem a uma convivência harmoniosa no mundo, focadas no bem-estar coletivo. O sistema de *plantation*, desde sua concepção, revela-se falho, ao explorar recursos de forma desmedida e sustentar a ilusão de que a solução reside na produção em escala infundável. Diante da escassez de recursos, é imperativo direcionar nossos esforços para uma abordagem de decrescimento e redução do consumo, como forma de preservar os recursos naturais e garantir a sustentabilidade do planeta. Além disso, é urgente promover a descolonização do jornalismo, rompendo com a lógica do pensamento hegemônico que o permeia. Reconhecemos que o jornalismo ambiental desempenha um papel crucial na construção de novos paradigmas de pensamento. Dessa forma, o cenário imaginado por Ferdinand pode representar uma oportunidade de reflexão coletiva e transformação, unindo todas as pessoas em busca de um horizonte comum de esperança e equidade.

Referências

CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação. São Paulo: Cultrix, 1982, 449p.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a prática da liberdade e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

FROME, M. (1998). Green Ink: An Introduction to Environmental Journalism. University of Utah Press. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GIRARDI, I. M. T.; LOOSE, E. B.; STEIGLEDER, D. G.; BELMONTE, R. V.; MASSIERER, C. A contribuição do princípio da precaução para a epistemologia do Jornalismo Ambiental. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde Rio de Janeiro, 14(2), 279–291. 2020.

LOOSE, E. B. GIRARDI, I. M. T. Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, 58, p. 319-333, jul./dez. 2021.

GIRARDI, I.; LOOSE, E.; STEIGLEDER, D.; MORAES, C. Aproximações do Jornalismo Ambiental com o pensamento de Paulo Freire. *Ámbitos - Revista Internacional de Comunicación*, Sevilha, 60, 134-148., 2023

LEFF, Enrique. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.34, n.3, p.17-34, set/dez, 2009.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.